

ANSART E O FERVOR SECTÁRIO: NACIONAL-SOCIALISTAS E SUAS BANDEIRAS

Ansart and sectarian fervor: national socialists and their campaigns

Marion Brepohl¹

RESUMO

Estudo de um pequeno grupo de caráter sectário que formou um núcleo do partido nazista no Brasil – O Partido Nazista de Curitiba - e realizou intensa propaganda em favor do III Reich. A partir das orientações teóricas de Pierre Ansart, procuro compreender suas práticas e rituais elaborados com o intuito de criar uma nova identidade em torno da “Nova Alemanha”. Tal grupo, não obstante sua pequenez, torna-se cada vez mais unido, realizando investimentos afetivos os mais intensos, passando a ser capaz de produzir e fazer circular imagens comovedoras em favor do nacional-socialismo, assim como de provocar sentimentos e sensações de estranhamento na sociedade receptora.

Palavras-chave: Sectarismo. Pequenos grupos. Totalitarismo.

ABSTRACT

Study of a small sectarian group that formed a Nazi party cell in Brazil, carrying out intense propaganda in favor of the Third Reich. Based on Pierre Ansart's theoretical guidelines, I examine the group's practices and rituals, meant to create a new identity around the “New Germany”. The cell, despite its small size, grew increasingly united and stimulated intense emotional investments. It became capable of making and spreading moving images in favor of National Socialism, while stirring feelings and sensations of estrangement within the host society.

Keywords: word1; Sectarianism. Small groups. Totalitarianism.

¹ É professora Titular de História Contemporânea da Universidade Federal do Paraná. Bolsista do CNPq. E-mail: mbrepohl@yahoo.com.br.

Introdução

Um amor sem limites, dito desinteressado, confundido com a lei, e depositado em algum departamento muito pouco visível do Estado (onde se aloja o chefe), eis o campo de atração do Totalitarismo. Esta é a sugestão teórica de Pierre Ansart ao refletir sobre a perda de distinção entre as paixões políticas e as coerções policiais, um par que tornou possível a ideologia hitlerista (2011, p. 140 e ss.).

Desde os homens de confiança do chefe até os militantes ordinários que animavam, com suas bandeirolas, com suas vozes em jogral e as certezas de que o caminho da vitória era aquele, criavam-se centenas de círculos fechados. E eles cresciam como cogumelos, mesmo fora da Alemanha; ao relacionarem-se, estes indivíduos colocavam “esse fantasma em ação, pelo gesto, pelo grito, por todo o corpo numa mímica fusional” (ANSART, 2011, p. 142).

O grupo que se formou a partir da influência do Partido Nazista no Brasil, mais especificamente, no caso desta pesquisa, em Curitiba, integra esta estrutura socioafetiva. Como na Alemanha, os membros do Partido Nazista de Curitiba, como se autodenominavam, nutriam veneração e fidelidade ao chefe e à nação alemã. Diferentemente daquele país, seu dever de Estado era para com outro governo, o brasileiro, visto por seus membros como inferior e, a partir de um determinado momento, inimigo a ser combatido.

Após a derrota alemã, o grupo se esfacela. Muitas pessoas são detidas ou presas, outras exiladas, outras simplesmente esquecidas. Do “país” a que serviam, nenhum reconhecimento. Restou a recordação de um tempo confuso, quando não se sabia ao certo o que era pátria, o que era nação.

Este artigo se deixa orientar por leituras que fiz dos textos de Pierre Ansart e depois, por uma conversa com ele sobre o papel dos grupos nazistas em ultramar, sua propaganda, suas doações em dinheiro, sua disposição de retornar à pátria de origem. Ele me estimulou a pensar sobre a importância do partido para eles mesmos. Aqui, uma tentativa de resposta.

O início da organização

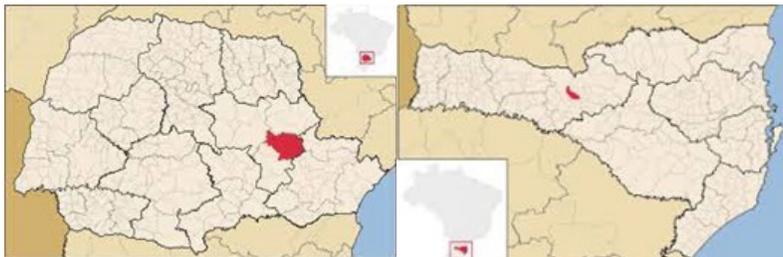
De 1941 a 1944, observa-se no noticiário local e nacional brasileiro um conjunto de matérias sobre o assentamento rural de alemães em uma região próxima a Castro, município situado a 160 km de Curitiba. Mais uma iniciativa de companhia particular estrangeira, no caso, a Sociedade de Colonização no Estrangeiro LTDA, sediada em Berlim (“Gesellschaft für Siedlung im Ausland GMBH Berlin”). A ocupação, envio de equipamentos, financiamento das viagens, atendimento aos colonos e cuidados de saúde dos mesmos integravam uma política iniciada já no início do século XIX no Brasil, com o intento de trazer imigrantes para, de um lado, preencher o que se denominava de “vazios demográficos” e, de outro, fomentar a produção de alimentos para o consumo interno do país, pela via da pequena propriedade. Escusado afirmar que destas terras eram expurgados os povos originários, já que, desde o início, a política colonizadora previa um povoamento de caráter eugenista, selecionando-se uma população branca². Tal sistema se iniciou em 1808 e no século XX já estava relativamente trivializado. No entanto, “Terra Nova”, nome que se deu àquela pequena colônia de 1.300 alqueires, tornou-se uma bombástica notícia a um só tempo política e policial, por ter sido denunciada como um núcleo do partido nazista.

Embora tivesse sido criada em 1931, em 1934 foi nomeado um novo diretor, de nome Erich Finnmann, ano que coincidiu com o período em que a Organização Nazista de Alemães no Exterior (“Auslandsorganisation der NSDAP”) chegou ao Brasil. Esta organização, na qual Finnmann ocupava um cargo importante, passou a exercer a direção política formal dos vários braços nazistas em solo brasileiro, ajudando a coordenar o recrutamento e a circular propaganda favorável ao Terceiro Reich. Graças a ela, arrecadavam-se ainda fundos para auxiliar o partido e, posteriormente, a própria guerra em favor da Alemanha na Europa.

Este agente não apenas dirigiu “Terra Nova” mas influenciou também na nomeação do dirigente de “Treze Tílias”, uma colônia ainda menor situada no município de Cruzeiroes e povoada por imigrantes austríacos do Tirol, situada em Santa Catarina, a 360 km de Curitiba, para onde foram, em 1933, 82 famílias. Esta colônia povoada por camponeses austríacos passou a cumprir o mesmo objetivo: agremiar simpatizantes para o Reich. Finnmann mantinha estreitas relações com o novo diretor, Leopoldo Benasch, membro do Consulado alemão de São Paulo, que obedecia às ordens do partido nazista.

2 Além da população europeia, cite-se uma minoria asiática que, com alguma relutância, foi aceita pelo governo. A este respeito, ver: LESSER, 2001.

Quadro 1



Município de Castro, Paraná e Município de Cruzzeiros, Santa Catarina.

Suas atividades não se limitaram às colônias: a propaganda também recobriu a cidade de Curitiba junto à comunidade teuto-brasileira, com o auxílio do cônsul da Alemanha Werner Hoffmann e outros homens de negócios de origem teuta, entusiasmados com a “Nova Alemanha”: clubes de ginástica adotaram bandeiras da suástica, o uniforme nazista passou a ser usado em cerimônias; as marcas identitárias compuseram um imaginário coletivo pela simbologia da suástica desenhada até em louças, panos de prato, coroas de flores, vestidos. Afora estes objetos, mencionem-se os hinos, as marchas, as festas cívicas.

O Brasil já tinha colônias formadas por teuto-brasileiros desde o século XIX; muitos já estavam aculturados, a administração do país tinha prática em receber imigrantes, que vinham por conta da fome e da pobreza por que passavam na Europa. Mas, para a nova propaganda de Finnmann, Terra Nova e Treze Tílias eram um fato novo: tratava-se da “Nova Alemanha” estendendo seus tentáculos no Brasil. E os que os recebiam também; eles passaram igualmente a se considerar alemães, tinham interesse em financiar tais colônias e ampliar as fronteiras agrárias. Assim, o pequeno grupo de alemães e descendentes de alemães se nazificaria rapidamente, até que, a partir de 1939³, a polícia política comesasse a proibir suas ações, apesar das fortes resistências e protestos dos membros do movimento.

3 Dos efetivamente filiados ao Partido Nazista no Brasil (ao todo, 2.900 pessoas), o Paraná é o que teve o menor número. Em São Paulo, foram 785 membros; em Santa Catarina, 528; no Rio de Janeiro, 447; e, no Rio Grande do Sul, 439. Tais números, no entanto, devem ser relativizados, pois muitos que gostariam de se filiar não foram aceitos por normas internas do consulado. *Revista Super Interessante*, 2 de fevereiro de 2022.

O presente artigo versa sobre este pequeno grupo. Segundo as fontes, dentre os que se filiaram ao partido nazista no Brasil, o Paraná contou apenas com 192 membros.⁴ A este número devem ser acrescentados os simpatizantes e pessoas que não foram aceitas, pois o próprio consulado fazia diversas restrições, tais como o domínio do idioma alemão e o casamento com pessoa da mesma etnia. De qualquer forma, era um pequeno grupo que, não obstante sua irrelevância numérica, desenvolvia um ativismo de razoável visibilidade e auto-suficiência. Sobretudo, uma firme convicção em sua causa e em seu chefe.

Estes fatos nos levam às reflexões de Pierre Ansart. Em seus estudos pioneiros sobre psicologia e política, ele considera que na formação do pequeno grupo subjaz a estrutura afetiva na qual se abriga um universo passional onde se aprende a amar intensamente algo ou alguém que lhe ensina a ser capaz de tudo, inclusive de perpetrar violência extrema, a qual ultrapassa o limite do humano, como também nos ensina Etienne Balibar (2010).

A formação do pequeno grupo: o partido nazista local

Ao tratar de partidos políticos e agremiações que têm como objetivo a tomada de poder para reformar, mudar radicalmente ou conservar um sistema, Ansart assume uma direção diferente da Sociologia tradicional. Concebe-os como um aparelho afetivo por onde circulam desejos, ressentimentos, esperanças, utopias e, dada a convivência continuada, a formação de uma determinada identidade. Eu diria, uma segunda identidade, distanciada daquela da família e do grupo de convívio. É uma identidade que constrói uma coesão social peculiar, onde principalmente o trabalhador, as pessoas simples, vivenciam um projeto para ampliar o seu poder (ANSART, 2011). É um lugar de reunião, de solidariedades coletivas; ao participar de uma

4 Realizo aqui a distinção entre membros (ou filiados) e simpatizantes, segundo a definição de Hannah Arendt; conforme a autora, os simpatizantes integram parte das massas conquistadas pelo movimento totalitário que, embora crentes em sua própria ideologia, não são capazes de “lutar por suas convicções” (ARENDR, 2007, p. 415). No entanto, elas são de grande importância para o movimento, pois, ao praticarem a propaganda, “conferem certo grau de normalidade ao movimento, tanto quanto do mundo exterior para o próprio movimento” (p. 416).

tarefa qualquer, reforça-se não somente a harmonia interna, mas igualmente o senso de que a causa é justa, defendendo-se um objeto “cujo efeito maior é assegurar a cada indivíduo uma defesa contra a depressão” (ANSART, 2011, p. 116). No partido político, a coesão é afirmada e reafirmada, não por acaso, por termos como “camarada”, “companheiro”, “correligionário”.

Importante aspecto a destacar é o sentimento em relação ao outro. Enquanto o “nós” é engrandecido e o chefe é visto como aquele que encarna a “boa lei”, o “eles” representa o adversário e, portanto, é retratado com fortes estereótipos negativos. Seu chefe, por sua vez, reflete toda a repulsa pelo sistema a ser abatido (ANSART, 1983).

O partido não cessa de conduzir seus membros ao conflito que desencadeia (...) ele define os males, as ameaças e os objetos maléficos; incita seus filiados a atribuir os “maus objetos” aos partidos rivais, a projetar seus impulsos agressivos sobre as forças externas. (ANSART, 2011, p. 116).

Imaginemos agora estas tendências exacerbadas ao extremo; uma enorme carga afetiva – o amor à nação e à raça e o ódio ao diferente, no caso, o judeu. Ademais, a ideologia contrarrevolucionária e a base social pequeno-burguesa, em tudo temerosa da proletarização e ressentida com a grande indústria, principal motivação de parte dos teuto-brasileiros. Imaginemos a ruidosa propaganda e a veneração ao líder, vistas em fotos de jornais e revistas e ouvidas pelo rádio, propagandeadas por uma estrutura partidária vivenciada fora da Alemanha, em pequenos grupos formados pela influência da Organização do Partido Nazista para o Exterior - “Auslandsorganisation” (A.O.).

A documentação nos faz entrever que o grupo local de teuto-brasileiros já mantinha relações de sociabilidade com entidades de recreação e cultura alemãs, e que preferencialmente fazia negócios com empresas alemãs. Assim, não era de se estranhar que comprasse ações da colônia “Terra Nova”, ou vendesse insumos agrícolas para aquela nova colônia.⁵

5 Dossiê Terra Nova, 1941-1946. Documentação arquivada no Departamento de Ordem Política e Social – DOPS, acervo sob a guarda do Departamento de Arquivo Público do Paraná, doravante DEAP/DOPS.

Entretanto, às motivações econômicas, desta vez, somava-se uma entusiasmada motivação de ordem emocional. Tratava-se de ampliar o espaço vital (o “Lebensraum”) alemão. Apesar de ter sido proibida, desde agosto de 1938, a formação de colônias com apenas membros de uma só etnia (Decreto 3010-26), ou talvez até mesmo por causa de tais proibições, estes dois novos espaços, modestos em seu tamanho, eram alardeados como um território do Reich, símbolo de resistência à aculturação. Lá era proibido falar outro idioma que não o alemão; todos eram obrigados a ser membros do partido nazista; marchavam, cantavam o hino nacional alemão uma vez por semana; celebravam as datas cívicas da Alemanha; estavam, enfim, sob a tutela do consulado. Tal aguerrida militância no exterior, promovida pela A.O., não se limitava ao Brasil, se bem que este tenha sido o país com maior recepção da doutrina nazista fora da Alemanha.

É difícil compreender por que pessoas de diversos continentes, como a África, a Oceania, as Américas e regiões do leste europeu, dispuseram-se a arriscar seu sossego em favor de uma causa que pouco lhes oferecia. Ao contrário, até arriscavam sua segurança no país de acolhida. Ademais, quem era uma pessoa como Finnmann para eles mesmos? Como acreditar que se a Alemanha vencesse a guerra aqueles pequenos lotes seriam parte do território alemão?

Afinal, mesmo as ex-colônias em África e Ásia, que pertenceram à Alemanha até a Primeira Guerra, se foram cogitadas como passíveis de serem reapropriadas, isto foi posto de lado por Hitler em 1943. O território que o governo nazista pretendia conquistar e transformar em colônia era o leste europeu; Hitler pretendia fazer dos eslavos colonos, da mesma maneira que, a seus olhos, a Inglaterra havia feito com os povos originários da África. Não por acaso, o primeiro país invadido e ocupado pela Alemanha nazista, a Tchecoslováquia, foi denominado de protetorado (BREPOHL, 2020).

Mas para os delírios coletivos entre teuto-namibianos, alemães e seus descendentes residentes na África do Sul, no Chile, na Argentina e no Brasil, para citar apenas algumas regiões por mim estudadas, os núcleos de colonização alemã seriam todos colônias alemãs ou, pelo menos, zonas de influência do Führer.⁶ Ou quem sabe, lugar privilegiado de um poder ainda desconhecido e, por isso, admirado.

⁶ Refiro-me aqui a zonas de colonização alemã em que habitava população teuta e em que núcleos nazistas ou protonazistas foram formados, por influência da “Auslandsorganisation”.

“Gedenke dass du ein Deutscher bist!”, (lembra-te de que tu és um alemão), lema largamente empregado pela Liga Pangermânica desde o século XIX, era agora reapropriado e conjugado à suástica e a novas canções.

Difícil concluir o que significaria para cada grupo este novo movimento. O que lhes exigia o novo chefe? A simples filiação? Um pouco de dinheiro nas campanhas em favor do partido? O regresso à pátria? O confronto nas ruas em favor da causa alemã?

Os objetivos podiam variar de acordo com as experiências de cada grupo, mas geralmente estavam vinculados à idealização do chefe e aos fracassos (reais ou imaginários) de seu passado. No caso da Namíbia, à guisa de ilustração, a população de origem alemã era dona das terras e subjugava os originários com o trabalho forçado. Com a derrota da Alemanha, na Primeira Guerra, torna-se submissa aos ingleses e aos africanos. Por isto, na Namíbia, a vitória alemã poderia significar o retorno de um governo germânico, e com ele o fim da dominação dos ingleses e da “dupla invasão” (EBERHARDT, 2005).

Nos Estados Unidos a situação era igualmente tensa. Tratava-se do país que mais fazia propaganda internacional contra os países do Eixo, e sua amizade com a Inglaterra os tornava muito poderosos. Emigrados e descendentes de emigrados alemães que lá residiam sofriam com as discriminações, semelhantemente aos da América Latina (DOBBERT, 1967). Segundo os “nazis”, a principal propaganda contra eles procedia de lá, em virtude do panamericanismo, da presença dos judeus e da emigração de intelectuais alemães. Este era o caso de Marlene Dietrich, Hannah Arendt e Alfred Döblin, dentre outros, que do exílio faziam propaganda contra o regime nacional-socialista. Por isso, a presença de simpatizantes da causa hitlerista neste país era de extrema importância.

Na América Latina, onde se situavam países belicamente frágeis, segundo os partidários e simpatizantes, poderiam ser criadas, no Cone Sul, uma república teuta ou pelo menos uma zona de influência sob a liderança dos empresários alemães. Logo, a união significava um voto de esperança no que ocorreria num futuro imediato, sob a liderança do chefe que estava por vir.

Mais uma vez, as reflexões de Ansart nos orientam no entendimento desta teia de relações. Trata-se de uma figuração vista como um sistema poderoso que precisa ser destruído para que se possa preparar o futuro. Estamos nos referindo ao papel que assumem os pequenos grupos e grupelhos e sua “resistência à erosão direta ou insidiosa pelas estruturas afetivas majoritárias”; são grupos que aceitam, no limite, enfrentar ou perpetrar atos

excepcionais e desproporcionalmente violentos; são uniformes, fiéis à causa, consonantes a ela (ANSART, 2011, p. 89).

Alguns traços da dinâmica de tais grupos nos são oferecidos por Ansart. O primeiro aspecto a destacar é o ingresso no grupo, marcado por intensa emoção e afastamento da identidade pregressa. Uma reviravolta no cotidiano, que produz difusas emoções, envolvendo entusiasmo, mas também medo e insegurança. Ao participar, os membros encontram significado em suas vidas.

É o caso do jovem Willi Roettger, da pequena cidade de Irati, que assim se manifesta sobre seu ingresso no Partido Nazista e sobre a visita de um conferencista à sua cidadezinha:

...como nós aqui no interior só dependemos de nós mesmos e a nossa vida é muito pobre destes acontecimentos, foi por nós um grande prazer recebê-los. Trouxemos muita emoção para casa [...] quando a Alemanha recuperar suas colônias, queremos emigrar para elas, para que nossos filhos possam viver uma verdadeira juventude alemã.⁷

A motivação do autor desta carta, endereçada ao chefe da A.O. de São Paulo, datada de 20 de maio de 1937, é agradecer pelo seu ingresso no partido. Agradece ainda a conferência proferida por um membro da A.O. em sua cidade, ao que se sucedeu uma pequena festa, o que é citado por dois motivos: primeiro, porque demonstra que, na vida monótona de Irati, a chegada de alguém que trazia panfletos, bandeirolas, bandas e promessas representava não apenas uma nova organização política, mas também uma reorganização psicológica para os moradores, tanto para os que falavam em alemão como para “os outros”, que olhavam aquelas pessoas, suas vizinhas, doravante, como estrangeiras, ou novos membros de uma nova seita. Em segundo lugar, manifesta a esperança de reconquista das colônias perdidas, uma nostalgia reavivada pela propaganda sobre as colônias africanas que foram destituídas da Alemanha e entregues à Inglaterra ou à França quando da derrota alemã na Primeira Grande Guerra (KRACHENSKI, 2016).

Ao lermos esta missiva em todas suas nuances – o agradecimento,

7 DEAP/DOPS. Pasta Nazismo. Informes de delegacias e fotografias.

a menção à sua esposa e aos filhos, a lembrança das colônias em África, podemos observar que o ingresso no partido reflete uma carga de esperança, mas ela é carregada de temor, pois não raro, como nos ensina Ansart, neste período de iniciação, há que se abandonar as antigas pertenças e substituí-las por aquelas impostas pelo grupo (ANSART, 2011, p. 94). Numa situação como esta, a nova identidade é estranhada por amigos e familiares, de quem se ouve indesejados julgamentos, ou ainda, de quem não se ouve mais nada.

Outro aspecto a um só tempo apaziguante e angustiante: o grupo se situa fora da experiência cotidiana. Um exemplo de extraordinária irrealidade é a ideia de que o Brasil seria anexado pela Alemanha. Assim descreve Curt Prayon o “glorioso feito” a um amigo de Blumenau:

Sei que te vai interessar saber que entrei aqui como sócio auxiliar na sociedade de trabalhadores alemães [DAF – Deutsche Arbeitsfront]. O chefe é Theo Klaine. Os rapazes estão convencidos que o Brasil ainda acordará sob o pulso alemão. Tanto do ponto de vista cultural como político, pois para mim também a nutro.

Ou, mais violento ainda,

Conrado se dirigia à esposa na cozinha; [...] das frases que ouviu, destacou: até agora, os brasileiros viveram às custas dos alemães. Os brasileiros são todos uns filhos da puta. O Getulio e o Roosevelt são manobrados por Schurchil (sic), o qual pertence à Inglaterra, terra de judeus. Hitler é um homem que Deus mandou ao mundo para governar a terra. Eu sou alemão e tenho orgulho de ser alemão, não quero que misturem outra raça com a minha.⁸

Outros comentários, tais como a alegação de que, se o “Brasil entrasse na guerra, o 13º Regimento (do Sul brasileiro) lutaria em favor da Alemanha”, provinham de um membro do NSDAP que colecionava fotos de todo o *staff*

8 DEAP/DOPS Conrado Nye 395 – Auto de declaração de Lydia Schauffert Nye – 28 de julho de 1944.

nazista e as mostrava a qualquer pessoa que assim o desejasse⁹. “No Paraná, como nos outros estados do Sul, o programa do NSDAP deve ser desenvolvido a fim de neutralizar os desejos dos norte-americanos”¹⁰ é uma dentre diversas opiniões ou recomendações muito incisivas, totalmente desproporcionais à pequenez do grupo e da região. Afinal, como garantir obediência à Alemanha e não ao exército brasileiro? Qual a força e o poder do Paraná comparados aos dos Estados Unidos? Porém, para o pequeno grupo, a realidade pouco conta; o grupo faz sua parte, o chefe conhece os caminhos da vitória.

Ademais, trata-se já de uma minoria que exacerba agora seus traços de minoria; são da Alemanha, sua língua de origem não é o português, muitos deles confessam a religião protestante, uma religião estrangeira. Eles se transformaram de uma cultura em uma raça, a raça ariana. Todavia, não são a elite do país, não são eles a ocuparem os cargos mais importantes nem a serem reconhecidos em suas qualidades mais prestigiosas. Por esta razão, quando se entra num grupo como este, transformam seus fracassos em agressões externas, superam sua postura defensiva, substituindo-a por uma denúncia ativa do mundo exterior (ANSART, 2011, p. 94).

Por outro lado, para além destes comentários mais severos, diretamente em confronto com a sociedade local receptora, o grupo se caracteriza por deixar suas marcas em objetos os mais triviais. Como exemplo, o fortificante Fosfotoni, vendido em várias farmácias, doravante utilizando-se a suástica em seu rótulo (ver figura 1); ou a coroa de flores de um funeral, com semelhante uso (figura 2); ainda, o uniforme nazista na cerimônia de um casamento (figura 3). O signo, onipresente nas festas, marchas, cerimônias, ia se trivializando na sociedade. Podia-se vê-lo em xícaras de chá, pratos, vestidos, roupas de ginástica. De tal maneira que parecia estar lá desde há muito tempo, tornando-se algo do cotidiano do grupo e perdendo, assim, um pouco de sua sacralidade.

9 DEAP/DOPS Pasta 1428-168.

10 DEAP/DOPS, Erich Finnmann, Pasta Finnmann, 1939.

Figura 1



Publicidade de um fortificante que faz uso da suástica como símbolo de força.
Fonte: DEAP/DOPS. Pasta individual Werner Hoffmann.

Figura 2



Coroa de flores colocada em um funeral. Fonte: DEAP/DOPS. Pasta 1428 - 168.

Figura 3

Foto de um casal em traje nupcial. O noivo usa o uniforme das SS.

Fonte: DEAP/DOPS. Pasta 1428 - 168.

As mulheres promoviam as mesmas rodas de bordados em seus cafés da tarde beneficentes, com a diferença de que o recurso arrecadado nas vendas dos produtos era para o partido ou para auxílio na guerra; ou auxílios em dinheiro eram solicitados nos clubes para auxiliar as duas colônias, “Terra Nova” e “Treze Tílias”, lembrando sempre que se tratava de colônias nazistas, logo, suas colônias. Para estas, podia-se pedir diretamente à Alemanha alguma ajuda para a saúde ou para melhorar o negócio dos camponeses, sob forma de cartas, mas todas estas passavam pelas mãos de Finnmann antes de serem remetidas ao consulado. Exemplifica-se a de Otto Ludescher, de “Treze Tílias”, proprietário de uma pequena oficina de serralheiro, que solicitou a seu pai o envio, por meio do National Bank, de 400 marcos de parte de sua herança. Pretendia ampliar seu negócio, pois a família havia crescido, e precisava de mais terras e ferramentas.

No averso da página, Finnmann confirma e recomenda o pedido.¹¹

Já Rudolf Meyer¹² fez um requerimento para que enviassem sua renda, pois trabalhava há 5 anos em “Terra Nova”, era inválido e não tinha recebido nada da terra natal. Sua renda parecia ser, pelas suas palavras, um direito e não um favor, daí a estranheza pelo não recebimento.

O despacho de Finnmann ao cônsul foi desfavorável, levantando a seguinte suspeita:

O mencionado é um conversador e gosta de bancar o importante e tem por princípio estar sempre na oposição. Em setembro de 1936 propôs-se para entrar no partido e está com o número 3733592. Na minha opinião, ele só entrou para garantir a remessa de sua renda, pois sobre algum trabalho em prol do partido nada me consta, porém Aeldert, ex-chefe do núcleo poderá fornecer suas informações a respeito.¹³

Não consta que Meyer tenha recebido auxílio algum.

Outro caso é a carta de Hans, endereçada a Finnmann, que relata ter contratado, provavelmente de “Terra Nova”, uma empregada doméstica, que lhe roubou dinheiro e ainda por cima transmitiu uma doença venérea a sua filhinha. Exige que o dinheiro seja devolvido, sem o que denunciará a moça, a qual “desconfia que nem é ariana”.

E assim seguem as correspondências com as consequentes mediações, numa clara demonstração de controle do diretor sobre os colonos, bem como de sua ligação com o consulado e com a elite local.

11 DEAP/DOPS - Dossiê Terra Nova, carta de Otto Ludescher endereçada ao Consulado alemão em 2 de fevereiro de 1937.

12 DEAP/DOPS - Dossiê Terra Nova, carta de Rudolf Mayer endereçada ao Consulado alemão em 2 de fevereiro de 1939.

13 DEAP/DOPS - Dossiê Terra Nova, carta de Rudolf Mayer endereçada ao Consulado alemão em 3 de abril de 1939.

Objecções e perseguições

Poderia multiplicar os exemplos de casos de violação de correspondência, de insultos a pessoas que até então podiam até ser amigas, das intrigas no interior do pequeno grupo (como a delação de Finnmann com respeito a Meyer).

Poderia multiplicar os exemplos das delações, da micro-hierarquia, da obediência ao chefe que serve ao chefe maior, da filiação que expressa a esperança de ganhar algum proveito no futuro, o qual, no entanto, é difuso e pouco conhecido.

Aquelas pequenas colônias dão certo lucro aos acionistas, mas nem todos podem ser acionistas; os camponeses trabalham de sol a sol e ainda por cima se veem obrigados a pertencer ao partido, seja lá o que for que isso represente; só sabem que precisam marchar não se sabe para onde. O uniforme, a sede do partido, as comemorações, não são mais do que seus próprios clubes onde puseram a bandeira do Reich ou a suástica (ver Figura 4).

Figura 4



Reunião de membros e simpatizantes do Partido Nazista no Clube Concórdia, antiga Gesangverein.

Fonte: DEAP/DOPS PT 124/15.

São mudanças que custaram pouco ao partido, mas que fizeram toda a diferença aos membros. Eles doravante possuiriam outra identidade,

a identidade nazista, cuja violência passaria a ser conhecida pela opinião pública, como quem desvela uma organização secreta que esteve conspirando contra o Brasil já há algum tempo.

E as suspeitas se iniciam no interior do grupo teuto-brasileiro, por um motivo muito simples: eles dominam o idioma alemão, e podem ler o que os nazis escrevem. Ademais, estão sendo alvo de estigmas pejorativos sem que participem dos rituais nazistas. Assim, em que pesem todos os investimentos emocionais, não há unanimidade quanto ao chefe que vem de fora.

Ilustra tal dissensão uma notícia no “Jornal de Castro”, de autoria de teuto-brasileiros, que denuncia a repressão contra os colonos não nazistas. Assim se manifestam:

(...) O que, porém, não se pode tolerar, é que estrangeiros venham fazer política no seio acolhedor da terra que os hospeda e recebe de braços abertos, e o que é mais, a política de sua terra; um credo exótico que repudiamos por não condizer com nossa índole liberal. O nazismo, eis o que está, no florescente núcleo colonial de Terra Nova, Maracanã, desagregando os agricultores, lançando a desarmonia e o ódio entre eles.

Alí, ou se é nazista e fica, ou não se é nazista, e se retira.

(...)

(...) O Sr. Junng, gerente da Telefônica nesta cidade, alemão, se vem, desde que aqui chegou, exercendo forte pressão sobre os colonos que não pertencem ao N.S.D.A.P (Partido Nazista), chegando esta pressão ao ponto de arbitrariamente, sob ameaças, dissolver a Associação que os colonos organizaram, denominada cooperativa de cereais [...] Nesta ocasião, o senhor Carlos Mohrmann, delegado do NSDAP, declarou, ameaçadoramente, que não admitia discussões de espécie alguma, nem o funcionamento da sociedade, pois o partido já tinha um plano sobre esse assunto, e que aquele que não quizesse fazer parte do partido (sic) e que suas ordens deviam, ser cumpridas.¹⁴

14 Castro-Jornal, de 31 de dezembro de 1936. A política lançando a desarmonia no seio da Colônia Terra Nova.

A matéria jornalística é assinada por três colonos, que dão por assentada a denúncia no jornal como se a fizessem às autoridades brasileiras. Esse fato evidencia como se trabalhava, antes da chegada de Finnmann, de maneira relativamente independente da companhia estrangeira.

Outro protesto, bem mais contundente, foi publicado logo após as comemorações do Dia do Trabalho, quando os membros do partido fizeram uma marcha, fardados com a bandeira do DAF (“Deutsche Arbeitsfront” – Frente de Trabalho Alemã), no centro de Curitiba. Desta vez, foi um jornal católico que publicou o descontentamento dos dissidentes, dirigindo-se ao cônsul de Curitiba:

O grupo local daqui do NSDAP soube organizar uma tal espionagem e mexerico e escarafunchamento dos sentimentos na colônia alemã, que a liberdade de opinião deixou de existir tão bem como na Alemanha (embora ela ainda tenha toda a garantia constitucional no Brasil). É verdade, que aqui não estão à disposição os campos de concentração para prender os ehejes (sic) que descrêem do nacional-socialismo. Mas, mesmo assim existem ainda bastantes (sic) outros meios de pressão, econômicos e políticos, para estabelecer também na colônia alemã de Curitiba o silêncio sepulcral da Alemanha.

[...]

Senhor Hoffmann, o senhor afirmou que 90 ou 99% do povo alemão estão ao lado de Adolf Hitler. [...] Donde é que o senhor tem essa ciência? O senhor conclui talvez do resultado da última “eleição” (grifos do autor) na Alemanha. Mas senhor Hoffmann, o senhor não sabe que lá se usa do mesmo sistema de policiamento e mexerico, que é o seu aqui? Talvez até com mais perfeição. Que em cada fábrica, em cada oficina, em cada escritório, em cada associação, em cada escola, em cada igreja, em cada moradia, até quase em cada família, está escondido um espião e um fuçador? Que o povo alemão por justos motivos se tornou o povo mais calado do mundo? [...] E que para os garotos mais atrevidos se têm a maravilhosa Tcheca alemã, a Gestapo, e

os campos de Concentração?¹⁵

As respostas às críticas praticamente inexistem. Afinal, o mundo externo ao grupo significa muito pouco. Aqueles teuto-brasileiros ou bem são alemães que já perderam sua cultura, ou são traidores. Apenas mencionam no “*Deutscher Morgen*”, um jornal nazista de São Paulo, que eles não deveriam ser chamados de alemães.¹⁶ Nada mais nitidamente característico do que um comportamento sectário; o mundo exterior suscita desconfiança, é estrangeiro. Provoca agressividade velada e desejo de afastamento.

Considerações finais

As denúncias contra os nazistas de Curitiba e sua influência nas colônias agrícolas, assim como nas associações recreativas e religiosas, não se limitam aos noticiosos em língua alemã. A partir de 1938, com a campanha de nacionalização, e com o rompimento das relações diplomáticas entre Brasil e Alemanha, em 1942, inicia-se a perseguição aos nazistas por parte da polícia política e uma ampla difusão na imprensa contra eles.

Finnmann e Hoffmann são expulsos do Brasil, outros fogem temendo retaliações, os brasileiros natos são submetidos a inquéritos. Curiosamente, os mais ricos negam a pertença ao Partido Nazista e são, em boa medida, liberados. Os mais pobres reforçam sua posição, afirmando que, por serem alemães, tinham obrigação de servir sua pátria¹⁷. Muitos deles são detidos ou levados presos para a Ilha das Flores, no Rio de Janeiro.

O fato é que o movimento se dispersou, principalmente após a derrota alemã.

15 Tal protesto, de 4 laudas, foi publicado no jornal “*Deutsche Weg*”, mas não constam nem a data, nem o local da publicação. Sabemos que se trata de um jornal católico por um pequeno trecho do mesmo. DEAP/DOPS - Pasta Atividades Nazistas.

16 Recorte do jornal anexado à matéria do “*Deutsche Weg*”, sem data.

17 DEAP/DOPS, diversos depoimentos, arrolados em pastas individuais de 1939 a 1945.

Os ex-membros do pequeno grupo continuaram como pequeno-burgueses a se frequentarem, talvez falando pouco sobre o tema, praticando a endogamia e cultivando o idioma alemão, ainda que de maneira discreta. Os clubes e igrejas eram os mesmos, apenas deixaram de portar nomes e símbolos alemães.

Triste era ter de renunciar às fotografias de casamento, batismo ou dos piqueniques, prosaicos momentos em que as lembranças da “Nova Alemanha” com seus símbolos eram estampadas junto às comemorações, misturadas ao avô, ao bolo da noiva, ao campeonato de bocha. Quando não, nos arquivos do DOPS, possibilitando a consulta para esta pesquisa.

E havia a outra memória, igualmente inoportuna. Como lembrar da militância, da paixão pelo líder e pelo seu país de origem sem recordar dos dias de prisão e de perseguição? E, depois de tudo, recordar a derrota e assistir aos filmes produzidos pela própria Alemanha contra o que se passou a conhecer como “o holocausto”? Era melhor não falar nada. Lembrar muito pouco.

Em suas considerações sobre a formação de pequenos grupos com finalidade política, Ansart nos ensina que, por mais que os comportamentos sejam estranhos e se inclinam a desejar ou mesmo lutar por causas irrealistas, não se pode colocar todos os seus membros na conta da patologia ou irracionalidade. E, de fato, pelo que verificamos neste estudo, as pessoas viviam, antes de se filiarem ao partido, um cotidiano normal, pouco afeito ao heroico e ao extraordinário.

Juntos, porém, por um curto período e olhando tantas flâmulas e hinos, aqueles alemães e filhos de alemães, bem arrumados, com barba bem feita, com suas esposas impecavelmente bem vestidas, quase idênticas entre si quando cantavam no coral da igreja ou abanando as flâmulas da suástica, sentiram-se no direito de imaginar que podiam deixar de ser colonos ou simplesmente filhos de colonos. Fitando os brasileiros, passaram a imaginar-se colonizadores. Afinal, não é esta uma das facetas do totalitarismo?

É por esta razão, e não procurando uma única determinação, que Ansart, em desacordo com Freud, afirma que não se deve estudar como a psicologia individual organiza o grupo, mas como o grupo intensifica o amor e o entusiasmo, capacitando seus membros para o sacrifício:

Importa, portanto, inverter as questões, não mais pesquisar como a psicologia individual organiza o grupo, mas o oposto: como o pequeno grupo organiza e produz uma intensificação

dos sentimentos políticos, faz emergir, ou não, um chefe político e como explica suas relações com seus seguidores. Nessa perspectiva, as respostas de Freud são insuficientes, pois permanecem centradas no inconsciente individual e não indicam como se constituem, se organizam e se dilaceram os pequenos grupos. (ANSART, 2019, p. 91).

Referências

- ANSART, P. *A gestão das paixões políticas*. Curitiba: Editora da UFPR, 2011, p. 115.
- ANSART, P. *Ideologias, conflitos e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- ARENDDT, H. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BALIBAR, E. *Violence et civilité*. Paris: Galilé, 2010.
- BREPOHL, M. Transposiciones entre cine y literatura: America Latina en el imaginário imperialista alemán, 1890-1945. *Secuencias*, n. 52, 2020.
- DOBBERT, G.A. German-Americans between New and Old Fatherland, 1870-1914. *American Quarterly*, v. 19, n. 4, p. 663-680, 1967.
- EBERHARDT, Martin. *Zwischen Nationalsozialismus und Apartheid; die deutsche Bevölkerungsgruppe Südwestafrikas; 1915-1965*. Berlin: LIT Verlag, 2005.
- KRACHENSKI, Naiara. *As colônias alemãs perdidas na África*. Curitiba: Prismas, 2016.
- LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional*. São Paulo: UNESP, 2001.

RECEBIDO EM: 27/03/2022
APROVADO EM: 19/04/2022